

FAHRENHEIT 451* A EXISTÊNCIA HUMANA EM CHAMAS

Paula Puhl**

Onde se lançam livros às chamas, acaba-se por queimar também os homens. (Heine)

Queimar livros, um ato que resume apagar, incinerar o conhecimento, a ilusão, a magia e a memória, pois os livros são o símbolo do Universo. Ato praticamente simples, em relação ao objeto, mas complexo com a presença e a ação do humano. Os livros são feitos por humanos e devorados por eles, então por que reduzi-los a pó? Essa é a indecisão do bombeiro Guy Montag, personagem principal do filme *Fahrenheit 451*, interpretado por Oskar Werner.

Montag representa a discussão filosófica no duelo entre a vida simplista, triste, sistemática e a busca pelo desejo da compreensão, do desvio materialista, que indaga as ações de uma sociedade que vê na queima dos livros a estabilidade do sistema. Para que pensar? Refletir sobre a vivência, se os objetos podem levar a culpa pela fabilidade do humano? Se não conseguimos dominar a natureza podemos acabar com os livros, “que são uma arma carregada na casa vizinha”, Bradbury (2003, p.84)

Esses são os temas discutidos na obra cinematográfica de François Truffaut, de 1966, seu único filme em inglês, baseado no romance de Ray Bradbury, de 1953. A história se passa em um Estado totalitário em um futuro próximo, onde os “bombeiros” têm como função primordial queimar qualquer tipo de material impresso, para guardar a paz de espírito dos habitantes, pois foram convencidos de que literatura é propagadora da infelicidade humana. Mas, certo dia, Montag, o bombeiro, começa a questionar tal linha de raciocínio quando vê uma mulher preferir ser queimada com sua vasta biblioteca ao invés de permanecer viva.

A questão gira em torno da memória, do conhecimento adquirido ao longo dos séculos, que deveria ter como único suporte a memória humana, fadada a se desintegrar ao ponto que as pessoas detentoras do conhecimento fossem morrendo. É feita, então, uma transferência de



Fahrenheit

responsabilidades, ao invés de matar os homens, queimam-se os livros, que, dotados de um poder espetacular, são os disseminadores do mal. De acordo com Chevalier & Gheerbrant (2002), o livro fechado significa a matéria virgem, conservando o seu segredo, mas se aberto a matéria está fecunda e o conteúdo é tomado por quem o investiga.

O cenário é ambientado em uma cidade dos EUA, a paisagem não é futurista, não há presença de aparatos tecnológicos. A cidade é um misto entre progresso industrial e uma paisagem bucólica, onde o representante maior tecnológico está nas grandes telas de televisão domésticas e na pseudo-interação, entre os programas televisivos e os telespectadores, que chegam a chamar as personagens de “família”. Outro diferencial são as casas. Todas são à prova de combustão, pois caso existam livros escondidos, esses podem vir a ser queimados sem que a estrutura seja abalada.

Nesse ponto encontra-se a chave da trama: destruir o conteúdo, mas preservar a forma. Como

é o caso da personagem Linda, esposa de Montag, interpretada por Julie Christie. Uma mulher que para se resguardar da infelicidade vê na ingestão de pílulas, a salvação da sua vida linear e do seu casamento. Suas vontades e seus desejos são supridos pela química, são modificados pelas combinações de entorpecentes, apagando os seus desejos secretos de insatisfação.

Truffaut utilizou Julie Christie também para o papel de Clarisse, uma adolescente que serve de estopim para que Montag comece a se perguntar, quais as razões que o fazem se orgulhar de ser um bombeiro. Com a morte de Clarisse, Montag, enfim, começa a sua saga em torno do entendimento da sua existência e da sua prática diária.

Na obra há um desfile de símbolos que ora estão latentes e outras se encontram subtendidos nos discursos das personagens. Mas, sem dúvida, o FOGO e suas derivações permanecem, sejam para atizar o pensamento, sejam para apagar a memória. Nesse contexto é possível recorrer a *Psicanálise do Fogo*, segundo Gaston Bachelard (1999), que acredita que a tarefa da Filosofia é tornar complementares a poesia e a ciência. Para isso, ele propõe uma *Psicanálise do conhecimento objetivo*, isto é, um esforço metódico da compreensão das valorizações afetivas da matéria, um exame das condições do devaneio, buscando a ação dos valores inconscientes, na base do conhecimento empírico e científico.

Sobre o FOGO Bachelard vê uma valorização pelo senso comum, pois o fogo e o calor fornecem meios para explicação dos campos mais variados, porque são, para nós, a ocasião de recordações imperecíveis e podem, então, simbolizar a síntese dos contrários: o bem e o mal. Em *Fahrenheit*, o Fogo significa o desprendimento, a salvação, pela destruição, caracterizando um movimento dialético. Bachelard (1999, p. 11) diz que:

Tudo o que muda velozmente se explica pelo fogo. O fogo é ultrativo. O fogo é íntimo e universal. Vive em nosso coração. Vive no céu. Sob das profundezas da substância e se oferece como amor. Torna a descer à matéria e se oculta, latente, contido como ódio e a vingança.

Bachelard (1999) acredita que o caminho que conduz da epistemologia à poesia, da *Psicanálise* à *Fenomenologia*, busca o mundo da

metáfora, se entregando às imagens e aos símbolos que servem, para descobrir o eixo das metáforas, como via poética que leva o coração do homem ao coração das coisas. Dessa forma, o filósofo procura reunir a *Psicanálise do Fogo*, sob os nomes de “Complexo de Prometeu”, “Complexo de Empédocles”, “Complexo de Novalis” e “Complexo de Hoffmann”, e a Lenda de Fênix, seus estudos sobre os devaneios do fogo. Nos limitaremos a apresentar em relação ao filme, as reflexões sobre Prometeu, Empédocles e o mito da Fênix, que estão intimamente ligados ao pensador e a sua busca da epistemologia à poesia, assim como à discussão abordada na obra em questão.

O Complexo de Prometeu traz à tona a metamorfose, o *ser-mais*. Está ancorado no esforço em superar proibições, ele propõe elencar todas as tendências que impulsionam a saber tanto quanto nossos pais e os nossos mestres. Este esforço de superação da tradição, que visa transformar, em seguida, em esforço de superação de si mesmo e de superação estética e metafísica da realidade objetiva. Prometeu, na *Psicanálise do Fogo* significa o homem criador, o super-homem, em sua desobediência criadora, na audácia, de acordo com Cesar (1996).

Para Chevalier & Gheerbrant (2002), Prometeu é o deus do fogo, que depois de criar o homem com o limo da terra, rouba para animá-lo o fogo do céu, e por isso é aprisionado, para que um abutre lhe devore o fígado, porém é salvo por Hércules. No mito grego, Prometeu é o símbolo da raça humana que mescla em si a ingenuidade e o ardil, na sua aventura para dominar as forças do mundo. O mito faz com que ele seja o representante da mudança, do idealismo e da coragem, além de ser o iniciador das artes, ele é a figura do poeta. Segundo Cesar (1996, p. 129), para Bachelard “o homem criador cria o mundo e esta criação é a superação: superamos a antiga sabedoria dos pais e mestres, superamos a nós mesmos, sonhamos com um ser-mais, sonhando a metamorfose, o vir-a-ser, e o fogo é o símbolo.” O fogo que destrói, também realiza a redenção, transforma o pensamento, é o que caracteriza o ciclo que em *Fahrenheit* fica evidente, pois ele provoca o incêndio, destrói tudo, mas causa uma rebelião de sentimentos em Montag, que tenta reconstruir o seu pensamento, tudo a partir das cinzas provocadas pela chama da sua consciência e da procura do Eu.

Sob outro viés, Bachelard utiliza-se do



Complexo de Empédocles, continuando a sua meditação sobre a metamorfose humana. O filósofo grego Empédocles, um pré-socrático, defendia a unidade entre a vida e a morte e refletia sobre o destino do homem e sobre a unidade dos contrários (vida e morte), acreditando na morte na e pela beleza. Por isso, a morte de Empédocles é o símbolo da adesão do homem ao seu destino poético de transfiguração no cosmos. A morte de um pensador e a sua tarefa na Filosofia foi a de depurar o fogo vulgar do mundo. A morte como retorno à plenitude do ser, fusão com a inteligência cósmica, ápice de um mundo. Para Bachelard, a poesia é a libertação do homem, da prisão da vida cotidiana, da realidade objetiva.

Já com a lenda de Fênix, a ave que ressurgia das cinzas pelos raios solares, vista como símbolo da poesia, Bachelard retoma a premissa de magnificar a vida nos fulgores dos sonhos. Fênix é sublimação absoluta, da abertura à transcendência. É o nosso vir-a-ser, o nosso destino, simboliza para Bachelard o instante poético, a lucidez do poeta que trabalha na fronteira do sonho para renovar e criar um mundo. A Fênix em *Fahrenheit 451* é Montag, pois ele renasce dos incêndios que provocou, ele é movido pelos desejos que o fizeram despertar do pesadelo do vazio, da sistematização diária, acordando para o novo, através da poesia, escondida nos livros que ele capturava momentos antes do seu juízo final.

Para Cesar (1996, p. 130), Bachelard apropria-se de dois mitos e de uma lenda para uma meditação a respeito da vida, que para ele é a correspondência entre “fogo, perfume, canto, vida, nascimento e morte”, é a unidade dos contrários num *ser-mais*, visto como a finalidade do homem. Para Bachelard, sonhamos com a metamorfose do ser pelas palavras (os livros), sonhamos instituir um mundo, a verticalidade fulgurante, o deslumbramento com as imagens novas, no esplendor do psiquismo lírico.

Não é por acaso que o símbolo dos bombeiros incendiários era a salamandra, que possui inúmeros significados, de acordo com Chevalier & Gheerbrant (2002) ela é uma espécie de tritão, que os antigos supunham ser capaz de viver no fogo sem ser consumido. Foi identificada ao fogo, do qual era uma manifestação viva. Por outro lado, a salamandra pode ser fria, tendo o poder de apagar o fogo. Para os egípcios, a salamandra era um hieróglifo do homem morto de frio. Francisco I pôs em seus brasões uma salamandra no meio do fogo e adotou esta divisa:

Nele Vivo e Extingo. Já para a alquimia é o símbolo da pedra fixada no vermelho, e deram-lhe o nome ao seu enxofre incombustível. A salamandra se alimenta de fogo, e a Fênix, que renasce das suas cinzas, são os dois símbolos mais comuns desse enxofre. Dessa forma, Montag fez a sua escolha, de salamandra revive em Fênix, cansado de sobreviver ao fogo, deixa-se tomar por ele, a fim de renascer, tornar-se mais, ressuscita, enfim, pela poesia e pela preservação do conhecimento.

Cesar (1996, p.131) resume o pensamento de Bachelard sobre a meditação do Fogo com a seguinte citação:

o fogo constitui a essência do homem e do mundo: o mundo da imaginação e dos valores, da superação de si mesmo, do amor entre o homem e a natureza; quer dizer, o fogo é a essência da vida poética em direção à unidade primordial.

Em *Fahrenheit 451*, o Fogo é o conhecimento, que forma novas imagens, através das chamas do que já lemos e vivemos, para que assim possamos vir a ser mais, continuando a nossa eterna metamorfose. Enquanto que o livro, sacrificado em toda a trama, nada mais é do que a materialização do coração humano, verdadeiro estopim da infelicidade, que deve permanecer fechado, queimado, caso contrário, ele oferece pensamentos e sentimentos, motivações para uma nova redenção.

NOTAS

* O título *Fahrenheit 451* é uma referência à temperatura que os livros são queimados. Convertido para Celsius, esta temperatura equivale a 233 graus.

** Doutora pela PUCRS e professora da Feevale.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BRANDBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. São Paulo: Ed. Globo, 2003.
- CESAR, Constança Marcondes. **A Hermenêutica Francesa: Bachelard**. Campinas: Alínea, 1996.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.